



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III
CENTRO DE HUMANIDADES OSMAR DE AQUINO
CURSO DE LETRAS-PORTUGUÊS**

MARIA DAS VITÓRIAS OLIVEIRA GOMES

**SOFRIMENTO PSÍQUICO CAUSADO PELO RACISMO À LUZ DA PSICANÁLISE
NA OBRA *ANJO NEGRO* DE NELSON RODRIGUES**

**GUARABIRA
2021**

MARIA DAS VITÓRIAS OLIVEIRA GOMES DA SILVA

**SOFRIMENTO PSÍQUICO CAUSADO PELO RACISMO À LUZ DA PSICANÁLISE
NA OBRA *ANJO NEGRO* DE NELSON RODRIGUES**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Licenciado em Letras.

Área de concentração: Literatura.

Orientador: Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones

**GUARABIRA
2021**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

G633s Gomes, Maria das Vitórias Oliveira.

Sufrimento psíquico causado pelo racismo à luz da psicanálise na obra Anjo Negro de Nelson Rodrigues [manuscrito] / Maria Das Vitórias Oliveira Gomes. - 2021.

21 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2021.

"Orientação : Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones ,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Racismo. 2. Psicanálise. 3. Anjo Negro. I. Título

21. ed. CDD 320.56

MARIA DAS VITÓRIAS OLIVEIRA GOMES

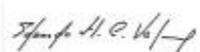
SOFRIMENTO PSÍQUICO CAUSADO PELO RACISMO À LUZ DA PSICANÁLISE
NA OBRA *ANJO NEGRO* DE NELSON RODRIGUES

Trabalho de Conclusão de Curso
(Artigo) apresentado ao Departamento
de Letras da Universidade Estadual da
Paraíba, como requisito parcial à
obtenção do título de Licenciado em
Letras.

Área de concentração: Literatura.

Aprovado em: 08 / 10 / 2021.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Eduardo Henrique Cirilo Valones (Orientador)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Maria Suely da Costa (Avaliadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Me. Danielle dos Santos Mendes Coppi (Avaliadora)
UNIFIP-Centro Universitário de Patos

“Ser negro não é uma condição Dada, *a priori*,
é um vir A ser. Ser negro é Tornar-se Negro”
(Neusa Santos Souza,1983)

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 CONTEXTO HISTÓRICO	9
3 SOFRIMENTO PSÍQUICO FUNDAMENTADO NO RACISMO CONTRA O NEGRO.....	10
3.1 O papel da psicanálise sobre os impactos do racismo	14
4 ESTUDO CRÍTICO	17
5 CONCLUSÃO.....	19
REFERÊNCIAS.....	20

**SOFRIMENTO PSÍQUICO CAUSADO PELO RACISMO À LUZ DA PSICANÁLISE
NA OBRA *ANJO NEGRO* DE NELSON RODRIGUES**

**PSYCHIC SUFFERING CAUSED BY RACISM IN THE LIGHT OF
PSYCHOANALYSIS IN THE PLAY *ANJO NEGRO* BY NELSON RODRIGUES**

Maria Das Vitórias Oliveira Gomes¹

RESUMO

Este trabalho apresenta um estudo sobre a questão do racismo na obra *Anjo Negro* (1946), de Nelson Rodrigues, a partir de uma visão psicanalítica, analisando o comportamento racista da personagem Ismael. As análises referem-se às sequelas dos confrontos internos, sofridos pela personagem ao repudiar sua cor negra. O que deixa explícito a intolerância e o preconceito social associados à cor da pele. Para a fundamentação teórica deste trabalho, serão utilizadas as considerações de Souza (2005), Horney (1874), Fanon (2008), Freud (2011) entre outros.

Palavras-chave: Racismo. Psicanálise. *Anjo Negro*.

ABSTRACT

This paper presents a study on the issue of racism in the play *Anjo Negro* (1946), by Nelson Rodrigues, from a psychoanalytic perspective, analyzing the racist behavior of the character Ismael. The analyzes refer to the sequelae of internal confrontations suffered by the character when he repudiated his black color. Which makes explicit the intolerance and social prejudice associated with skin color. For the theoretical foundation of this work, considerations by Souza (2005), Horney (1874), Fanon (2008), Freud (2011) among others will be used.

Keywords: Racism. Psychoanalysis. *Anjo Negro*.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura Plena em Letras pela Universidade Estadual da Paraíba, Campus III, com habilitação em Língua Portuguesa. mariasilva203926@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo pretende esboçar um direcionamento entre a obra *Anjo Negro* (1946), de Nelson Rodrigues, e a psicanálise a partir das premissas do drama *Anjo Negro*, analisando os aspectos psicológicos da personagem Ismael, dentre outras, fundamentadas pelo racismo. Escrita em 1946, a obra foi censurada e só em 1948 foi encenada e mencionada no teatro. Essa censura se deve ao fato de a obra ter apresentado a problemática do racismo e seus efeitos na sociedade, entre brancos e negro, apontando as rejeições sofridas pelos negros meramente pela cor de sua pele. Observando a abordagem do preconceito, buscamos expor, por um viés psicanalítico, a indiferença inerente ao indivíduo.

Nelson Falcão Rodrigues, filho de Maria Esther e Mário Rodrigues, nasceu na cidade de Recife, no dia 23 de agosto de 1912, foi um escritor, jornalista, dramaturgo, e provocou uma revolução no teatro, com as seguintes peças *Vestido de noiva* (1943), *Boca de Ouro* (1963), *A Falecida* (1953), *Toda nudez será Castigada* (1965), dentre outras. Teve carreira frísada pela crítica, ao escrutinar a vida do dia a dia do subúrbio carioca, incestos, crimes e interação repleta de tragédia e humor.

Anjo Negro, *corpus* desta pesquisa, é uma peça alegórica de Nelson Rodrigues que se destaca na sua produção teatral, sendo uma das peças mais examinadas, representadas e discutidas do escritor, que suscitou em seu lançamento uma polêmica quanto à linhagem de seu texto e da produção. A obra foi inserida na sequência de textos classificados como “desagradáveis”. Desagradável na obra *Anjo Negro* foi a forma que o autor discorreu o tema do preconceito racial e suas consequências sobre o procedimento humano, exibindo a relação através do universo real e o universo mítico.

O autor expande uma escrita do caráter realista, em período modernista. Nelson Rodrigues expõe, por meio de suas obras, a ética vigorante nos meados do século XX na sociedade carioca, levando a tragédia grega para o Rio de Janeiro, e transpassando seu aprendizado de repórter para o projeto literário. Em um aspecto de produção da realidade, o escritor exhibe sua preferência por desenvolver séries trágicas. Em decorrência dos temas abordados, foi sentenciado como imoral e obsceno, o que lhe causou o epíteto de “anjo pornográfico”.

A obra *corpus* desta pesquisa tem como tema o drama dos conflitos entre Ismael e sua mulher Virgínia. Ele é negro, médico e exerce a profissão com excelência, mas carrega consigo, desde a infância, um sentimento de ódio e vergonha de si próprio em função de sua cor. Virgínia, por sua vez, com seus pensamentos neuróticos, alimenta o rancor no casamento e se transforma em assassina infanticida ao tirar a vida dos filhos concebidos com o esposo negro.

Nas falas das personagens de *Anjo Negro*, veremos comportamentos que demonstram o preconceito racial contra os negros, dessa maneira, faremos um recorte específico, com a intenção de compreender como o racismo provoca o sofrimento psíquico, ao analisar os comportamentos de Ismael com as pessoas que convivem com ele. Podemos identificar que ele incorpora sentimentos de repúdio.

Além dessa seção introdutória, este artigo está dividido em quatro unidades retóricas, as quais obedecem à seguinte ordem: inicialmente apresentamos o contexto histórico, em que expomos brevemente a realidade da configuração histórica do Brasil em relação a população negra. Logo após, discutimos sobre o sofrimento psíquico fundamentado no racismo contra o negro. Ainda nesta unidade, apresentamos o papel da psicanálise sobre os impactos do racismo. Na terceira unidade, o *corpus* de análise para a discussão e apontamentos, a partir do racismo na obra *Anjo Negro* sob a ótica da psicanálise. Por último, apresentamos algumas considerações acerca das análises realizadas neste estudo e as referências utilizadas.

Considerando tal cenário social, este trabalho tem o intuito de analisar a questão do preconceito racial sob a visão da psicanálise, trazendo referenciais teóricos e bibliográficos que contribuíram para a compreensão da referida temática.

2 CONTEXTO HISTÓRICO

No Brasil, o racismo perpassa o percurso da negação e se constitui no universo social como uma problemática complexa, pois vale destacar que o país se caracteriza numa realidade histórica que engloba diversos fatores geopolíticos, históricos, culturais, econômicos, psicológicos e institucionais extremamente vinculados à cultura europeia, com o início na formação das comunidades coloniais.

Depois que aconteceu a abolição da escravatura, a posição do negro mudou perante a lei, mas, na realidade não cessou os problemas, aumentando a desigualdade social, isso se deu através dos intelectuais que fizeram a relação do imaginário com o idealismo evolucionista e positivista do racismo científico, procurando branquejar o Brasil das diversas culturas e, demograficamente, pelo viés da escravidão e também pelo trabalho barato europeu. Como afirma Florestan

O negro viveu em estado de dependência social tão extrema, que não chegou a participar, autonomamente, das formas de vida social organizadas mínimas como família e outros grupos primários que se beneficiam os brancos. (FLORESTAN, 1972 pág. 37).

A escravidão acarretou traumas imensos que persistem até os dias atuais. O equívoco vigente se deu depois da Lei Áurea, com a ideia de que o sujeito negro teve o direito garantido de ser livre, mas os direitos de sua autonomia são refutados, assim como as possibilidades de uma existência justa, corroborando condutas e parâmetros equivalentes aos da escravidão. Assim, comportamentos racistas ainda acontecem com muita frequência, de maneira explícita ou não.

Com a abolição da escravatura em 1888, através da Lei Áurea, os escravos ficaram livres, no entanto, embora estando libertos, não tinham condições para reestruturar suas vidas. Menciona-se que, mesmo depois de livres, os negros começaram a compor um grupo de habitantes com direitos essenciais negados, sofrendo diversas formas de preconceitos.

Os negros foram padecentes do *apartheid social* que constantemente oprimiu o país, designando uma imensa desigualdade entre ricos e pobres. Pois, além do mais, no Brasil, o racismo manteve-se acontecendo muitas vezes de modo camuflado, e mesmo com a promulgação da Constituição de 1988, que em seu art. 5, § XLII, define o racismo como “crime inafiançável e imprescritível” (BRASIL, 1988, p. 15), ainda presenciamos atitudes de rejeição contra a população negra.

A posição digna de cidadão não sucedeu depois da abolição e segue na contemporaneidade com o enfrentamento progressivo, em um país em que a diferença racial é estimulada, e as tentativas de extinguir as reminiscências das perversidades cometidas contra os escravos são permanentes em diversos fatores, seja pela extinção de documentos, como pela disseminação do mito da “democracia racial”.

O racismo está relacionado a princípios ideológicos, desde o Brasil colonial. Pois, no decorrer do período escravista, a população negra era classificada como objeto de inferioridade; o racismo foi instituído a partir da interpretação dos negros como indivíduos monstruosos, que confirma a realidade de diversas teorias introduzidas na sociedade. Tais teorias geraram imagens de negação em torno dos indivíduos negros, utilizando-se de termos como preguiçosos, vagabundos, feios, sem cultura etc., e, para prová-las, estruturaram a ideia de que o branco correspondia à pureza, ou seja, o racismo é:

[...] o pensamento voltado à existência de divisão dentre seres humanos, constituindo alguns seres superiores, por qualquer pretensa virtude ou qualidade, aleatoriamente eleita, a outros, cultivando-se um objetivo segregacionista, apartando-se a sociedade em camadas e estratos, merecedores de vivência distinta. (NUCCI, 2008, p. 273).

O racismo, na atualidade, não é distinto daquele executado no passado, embora o negro possua outro modo de viver, ou seja, por mais que não esteja na posição de escravo, ainda é tratado através de termos considerados como insignificantes, sendo agredido de inúmeras formas. O Brasil está registrado pelo racismo e, sobretudo, pela exclusão dos negros nas relações sociais. O maior número da população é racista, porque pertencemos a diversas etnias, porém não as reconhecemos.

Portanto, é preciso lembrar que as mídias colaboram para a propagação do preconceito. Para citar um exemplo, nas novelas, não são poucas as propagandas maléficas referente ao negro, em que, diversas vezes, percebemos a ideia de subalternidade atribuída ao negro. Frequentemente, nas cenas, as pessoas que pertencem a altas classes da sociedade, como os patrões, são retratadas de cor branca, enquanto os de cor negra fazem o papel de empregados.

3 SOFRIMENTO PSÍQUICO FUNDAMENTADO NO RACISMO CONTRA O NEGRO

A injustiça social gera sofrimento psíquico, faz com que o sujeito se sinta subalterno e incapacitado diante da sociedade. Desse modo, essas diferenças apresentam efeitos psicológicos traumáticos e desumanos. O racismo expõe consequências subordinadas que acarretam em obstáculos contra o progresso absoluto de grupos e indivíduos.

Propomos refletir sobre os artefatos que fazem parte da história da psicanálise trazendo para a discussão a obra *Anjo Negro* (1946), escrita por Nelson Rodrigues, para pensarmos a respeito da evolução da psicanálise que, provavelmente deixaram-se partir de diversos contingentes que foram excluídos, exilados por sua raça na sua história quanto na vida pessoal, tanto nas obras quanto no meio psicanalítico.

A psicanálise apresenta arcabouço teórico para estudar os efeitos do racismo e da subjetividade, apresentando suas discussões e contribuindo em vários segmentos para a execução de pesquisas empíricas sobre o preconceito racial diante dos métodos psicanalíticos. O sofrimento ocasionado pelo racismo deve ser compreendido através de uma conjuntura que envolve diversos fatores sociais e que expõe as numerosas feridas psíquicas apresentadas à psicanálise.

Nelson Rodrigues retrata a realidade de atitudes racistas por meio dos personagens, e deixa exposto o esforço dos negros para conquistar espaços e direitos igualitários na sociedade. Em vista disso, priorizamos esta obra para mostrar o posicionamento da sociedade ao referir-se ao negro no contexto social. Estes eram expostos como sujeitos inferiores, sem nenhuma significância e viviam em subalternidade à elite branca, em estados abomináveis.

A peça *Anjo Negro* nos apresenta a impressionabilidade de Rodrigues para o problema do preconceito de raça presente na sociedade brasileira, isso acontecia já há muito tempo, como provocação em sua vida. Apoiando tal entendimento, Rodrigues afirma:

Quase posso dizer que *Anjo Negro* nasceu comigo. Eu não sabia ler, nem escrever e já percebera uma verdade que até hoje escapa a Gilberto Freyre: não gostamos do negro. Nada mais límpido, nítido, inequívoco, do que o nosso racismo. E como é humilhante a relação entre brancos e negros, (...) A 'democracia racial' que nós fingimos é a mais cínica, a mais cruel das mistificações (RODRIGUES, 2004, *apud*, MEDEIROS; PEREIRA, 2012, p. 163).

O racismo está arraigado na sociedade brasileira, o “evidente injurioso” para Rodrigues era omitido na década de 1940, cedendo espaço ao conceito de uma sociedade suavemente racista tal qual elencada na concepção de “democracia racial”. O enredo é frisado e aperfeiçoado através do mecanismo da personalidade negra no país, nos anos 1930, principalmente por meio do canto, da dança e do corpo que a personagem negra exibiu no teatro brasileiro.

Uma identidade voltada para os princípios brancos ocidentais é imposta pela sociedade, tecendo a ideia dos colonizadores europeus, acarretando, assim, em angústias e traumas aos indivíduos tidos pelo símbolo da negritude. O racismo omite sucessivamente o negro, apagando seu campo representativo, direcionando a pontos recalcados do inconsciente oculto. Então, a negação é o cancelamento do recalque, como afirma Freud:

(...) incompatibilidade entre a ideia e o ego do doente, o motivo do recalque; as aspirações individuais, éticas e outras, eram as forças recaladoras. A aceitação do impulso desejoso incompatível ou o prolongamento do conflito teriam despertado intenso desprazer; o recalque evitava o desprazer, revelando-se desse modo um meio de proteção da personalidade psíquica (FREUD, 1909/1910, p. 39).

A maioria da população negra vive em constante sofrimento psíquico pelos transtornos da não aceitação do negro pela sociedade. São apresentados inúmeros indícios tanto psíquicos quanto físicos resultantes dos impactos causados pelo desassossego emocional de inquietação e aflição, causando transtornos na conduta e no pensamento, experimentada diariamente pelo indivíduo vítima do racismo.

O racismo arruína o bem-estar psicológico dos sujeitos, sendo capaz de produzir sinais psicossomáticos, bloqueio, reprimindo a introdução e atuação principalmente na vivência da negritude e aprimorando a autoimagem violentada, movida pela perspectiva da devida realidade, causando danos excruciantes que geram diversos componentes emocionais e psíquicos. De acordo com Munanga.

O racismo é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por meio do ódio, em relação a pessoas que possuem um pertencimento racial observável por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato de olho, etc. ele é resultado da crença de que existem raças ou tipos de humanos superiores ou inferiores a qual se tenta impor como única e verdade (MUNANGA; GOMES, 2006, p. 179).

É necessário descortinar a veracidade e atentar para a realidade de que o negro tem um lugar estabelecido para ser conquistado. O negro, ao ser posto junto do branco, geralmente é julgado como inferior, e sente dificuldade de elevar-se profissionalmente, mesmo com as políticas públicas que foram desenvolvidas com o desígnio de dar suporte e amenizar os prejuízos psicológicos e físicos entre outros.

Com a abolição da escravatura em 1988, através da Lei Áurea, os escravos ficaram livres, no entanto, embora estando libertos, não tinham condições para reestruturar suas vidas. Menciona-se que, mesmo depois de livres, os negros começaram a compor um grupo de habitantes com direitos essenciais negados, sofrendo diversas formas de preconceitos.

O personagem Ismael passa por preconceito racial que não altera a figura burlesca, nem o conduz a adotar símbolos e princípios de outras culturas afro-brasileiras (copeira, macumba, samba). Ismael é um negro, mas, principalmente, um ser humano apto às qualidades e aos defeitos. As habilidades históricas do negro não são reduzidas pela cor da pele, na realidade, ser negro não inferioriza e nem diminui sua capacidade humana aos sentimentos. Ele é um homem negro que encara a diferença racial como vítima, mas também como verdugo da sua situação e do seu destino.

Não é cabível que em um país como o Brasil, que a maioria da população é constituída pela população negra, ainda não tenha conseguido reconhecer que sua história foi delimitada

pela escravidão e pelo racismo. É preciso fomentar a equidade de direitos e extinguir o preconceito que permanece fixado na sociedade. O negro sempre exerceu funções secundárias, e ainda é sujeito a suportar termos depreciativos. Consoante com Souza

A reação ao pensamento do negro frente à violência do Ideal branco não é uma resposta ao desprazer da frustração. Elemento periférico do conflito, mas uma réplica à dor. O sujeito negro, diante da ‘ferida’ que é a representação de sua imagem corporal, tenta, sobretudo, cicatrizar o que sangra (...) O racismo tende a banir da vida psíquica do negro todo prazer de pensar e todo pensamento de prazer (...). (SOUZA, 1983, p. 10).

Assim sendo, ser negro no Brasil é enfrentar obstáculos no seu trânsito social, se constituir em um país onde o referencial é o branco, ou seja, instituir-se em uma sociedade onde se é constringido com frequência, pois os negros constantemente têm sua linguagem negada. São estabelecidos em camadas coletivas na pluralidade afrontosa, utilizando-se de termos como: “preguiçoso”, “vagabundo”, “marginal” entre outras expressões pejorativas.

Em uma sociedade que subsistia sobre a utopia da “democracia racial”, o sentido de tal expressão causa revolta ao negro, assim, esse termo acontecia apenas como ofício político na intenção de esbarrar e desmistificar o hipotético e metafórico da união racial brasileira. O negro está inserido na base da pirâmide social, assim como é citado por muitos, isto é, certamente esse marco seja evidentemente propício, posto que é a base que mantém toda a estrutura do sistema capitalista e racista, através da mão de obra barata e diversos abusos sofridos.

Sendo assim, o racismo é arcabouço maléfico que vem usando diversas formas para estabelecer uma política de ódio através de indivíduos que pertencem ao mesmo grupo racial. Nesse sentido, Ramos (1995) expõe o processo de rompimento que mantém o racismo, assim a literatura traz reflexões sobre o problema da discriminação, ação e sensibilidade de forma simbólica. Apoiando tal entendimento, Ramos, nos afirma que:

Há o tema do negro e há a vida do negro. Como tema, o negro tem sido, entre nós, objetos de escarpelação perpetrada por literatos e pelos chamados ‘antropólogos’ e ‘sociólogos’. Como vida ou realidade efetiva, o negro vem assumindo o seu destino, vem se fazendo a si próprio, segundo lhe têm permitido as condições particulares da sociedade brasileira. Mas uma coisa é o negro-tema; outra, o negro-vida (RAMOS, 1995, p. 215)

Sabemos que o racismo está ligado a uma base social que se expressa por meio do sofrimento psíquico, e não ocorre exclusivamente ligado à carência inerente do psíquico, contudo, acontece também pelos fatores descritos e impostos pela sociedade, a submissão, a violência, o racismo e a subordinação são fatores vivenciados pelos negros, sendo assim, entra no intenso sofrimento por preconceito, diferença e injustiça.

Dessa maneira, é importante entender e expor a multiplicidade de agentes que prejudicam o estado psíquico e social, estimulando o sofrimento psíquico, com intuito de refletir e determinar meios que colaborem para sua diminuição. Pois o sofrimento é provocado por não ser incluído socialmente, e isso desencadeia desconforto físico e mental através da aflição originada por sensações traçadas no âmbito da subjetividade, produzindo o sofrimento psíquico de suporte social. Assim podemos tomar como suporte a seguinte afirmativa, vejamos:

Essa visão racista (...) operava em várias esferas: provar a todos de maneira sutil a inferioridade dos negros e a superioridade dos brancos; atestar que no Brasil nunca houve barreiras raciais, todos eram tratados igualmente (...); gerar um sentimento de repulsa do branco pelo negro e de resignação do negro diante de sua própria inferioridade (SANTOS, 2005, p. 119).

Nesse contexto, podemos enfatizar que o sofrimento psíquico é, de fato, um sofrimento do sujeito social, originado por uma conjuntura de ocorrências traumáticas que provocam sequelas, elementos fundamentais para entender que o racismo impulsiona o desconforto emocional e psicológico através dos bloqueios causados e traz agravos insuportáveis sobre o sujeito na sociedade.

No entanto, o sofrimento psíquico vem seguindo o povo negro desde o princípio, com particularidades das experiências de uma sociedade racista. Esse mal-estar, por si mesmo, não significa uma patologia, apesar de trazer bastante sofrimento, mas constitui uma subjetividade igualmente estabelecida pela extensão política, predisposição caracterizada por meio de seu contexto social.

Contudo, a exposição do negro na sociedade brasileira é mostrada de forma traumática pelos resquícios de sofrimentos do passado e que persistem até os dias atuais, podem ser apontamentos que despertem o sofrimento psíquico e, posteriormente, podem levar o sujeito ao adoecimento mental. Levando em consideração a base de indicadores do sofrimento psíquico entre os negros, isso se dá através das diversas desigualdades que causam medo, exclusão e outros fatores que alimentam cada vez mais essa problemática. Souza afirma que:

Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas expectativas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar sua história e recriar-se em suas potencialidades. (SOUZA, 1983, p. 17-18).

Portanto, os componentes traumáticos relacionados à existência do indivíduo afetam de forma contínua o psíquico ocasionando um bloqueio, como fragmentos que não estão conectados ao mundo, que retratam o indivíduo. Isso nos auxilia no entendimento da dificuldade que o negro tem de expor as agressões sofridas, uma situação muito complicada, mesmo tendo passado por traumas, é necessário que o sujeito relate o fato, para ser apresentado e, posteriormente, ser incorporado psiquicamente.

Consequentemente, o efeito psíquico da intransigência presente na coexistência leva, como uma linha condutora, à intolerância racial, por isso é necessário examinar suas concordâncias e desarmonia na ação de mediar a subjetividade. Começando pelas hipóteses da perversidade racista ocasionada pelo branco, pois, assim como outras maneiras fundamentadas na discriminação que é praticada, antes de mais nada, começa pela desumana inclinação para arruinar a identidade do indivíduo. Como menciona Rodrigues (1981),

Senhora (doce) — Moreninho, moreninho! Senhora — Moreno, não. Não era moreno! Senhora — Mulatinho disfarçado! Senhora (polêmica) — Preto! Senhora (polêmica) — Moreno! Senhora (polêmica) — Mulato! Senhora (em pânico) — Meu Deus do Céu, tenho medo de preto! Tenho medo, tenho medo! (RODRIGUES, 1981, p. 125)

O constrangimento é resultado da inferioridade que o negro enfrenta no Brasil, ou seja, sempre permaneceu submisso não somente por meio da força violenta, mas por inúmeros outros mecanismos. A discriminação, por parte do branco, é desempenhada, antes de mais nada, pela desumana tendência contra o indivíduo negro. É por meio da realidade apresentada pelo branco que o negro tem seu espaço inferiorizado e submisso.

O racismo, através da censura do corpo, tira a alegria do negro no seu espaço privado – o direito à liberdade do seu corpo e do pensamento se transforma em dor e revoltas. O medo de não ser representado nem ter seu lugar de fala, a perda da eventualidade de pensar são castrados e ele passa por uma dor desnecessária, que afeta o seu conforto físico e psíquico.

O racismo em estado intrapsíquico manifesta o ódio “distinto”, ou seja, expõe o ódio do indivíduo branco a si mesmo. Como um bloco dos vínculos sociais e históricos, o racismo

tem outra compensação: o indivíduo negro tem sido submetido a outro imaginário da branca e vê decompostas as perspectivas do progresso de sua identidade e do seu entusiasmo para viver. O sujeito absolutamente precisa revitalizar seu corpo como procedência de vida e bem-estar para constituir sua identidade direcionada à positividade, procurando suavidade em sua organização psíquica. Segundo Munanga, podemos verificar que :

[...] não apenas interfere no processo de construção da identidade do ser negro individual e coletivo, como também na formação da autoestima geralmente baixíssima da população negra e na supervalorização idealizada da população branca. (MUNANGA, 2002, p. 1).

A respeito dessa inquietação, o sofrimento psíquico provocado pelo racismo ao negro revela-se, por inúmeras maneiras, em sintomas no corpo, por exemplo estresse, depressão, ansiedade, baixo índice de autoestima e negação da sua personalidade, gerando sentimentos de subalternidade. Logo, seu enfrentamento precisa ser contínuo, visto que muitos benefícios continuam sendo negados aos indivíduos negros.

Assim, na história da sociedade, pode-se verificar inúmeras pesquisas sobre mobilidades em oposição hegemônica em combate ao racismo, que possuam seu poderio de transmissão, pois é necessário compreender com intensidade os procedimentos de subjetivação. Para que o sujeito encontre nele mesmo uma dialética de identidade. Conforme Fanon, percebemos que:

Não quero ser reconhecido como negro, e sim como branco. Ora – e nisto há um reconhecimento que Hegel não descreveu – que pode proporcioná-lo, senão a branca? Amando-me ela prova que sou digno de seu amor. Sou amado como um branco. Sou um branco. Seu amor abre-me um ilustre corredor que me conduz à amplitude... Esposo a cultura branca, a beleza branca, a brancura branca. Nestes seios brancos que minhas mãos onipresentes acariciam, é da civilização branca, da dignidade branca que me apropriro. (FANON, /2008, p. 69).

Dessa forma, Fanon transporta componentes que trazem à reflexão as problemáticas que envolvem as ligações raciais apresentando os transtornos subjetivos pelos quais o sujeito negro passa quando inserido numa sociedade colonial, apontando o conceito de Hegel. Fanon discorre que a dialética hegeliana se situa com obstáculos para se materializar. Segundo Fanon (2008), o indivíduo negro está no universo procurando se identificar como pessoa negra, mas termina desvendando sua objetificação.

Daí, segundo Freud (1914/1974), a importância da edificação do Eu sublime e a infundável procura de sua recompensa para a subsistência psíquica do indivíduo, pois esse eu perfeito é constituído por meio de esferas sociais. o racismo no universo social é estrutural e objetiva ter o domínio por meio de inúmeras facetas e também por controlar o corpo do indivíduo. O racismo acontece como um gatilho micro e macro de poderio para segregação.

Por conseguinte, alicerçado de uma leitura psicanalítica de *Anjo Negro*, pode-se observar como os artifícios prescritos pelo racismo afetam negativamente a formação dos indivíduos. O racismo localiza-se facilmente no procedimento da formação psíquica no meio social e infiltra no segmento narcísico. A discriminação inaceitável do racismo institucionaliza “a força dos discursos produzidos pelos grupos hegemônicos” (SILVA, 2017, p. 87) e tais referências afetam psiquicamente esses indivíduos, incutindo-lhes um raciocínio de subalternidade e inferioridade.

3.1 O papel da psicanálise sobre os impactos do racismo

A psicanálise fundamenta-se, principalmente, em um processo de investigação, sobre os segmentos concretos e representados na produção a consciência afetivo-emocionais.

Tutelamos que o espaço da metodologia da psicanálise tem privilégio sobre o princípio. Entendemos que a hipótese essencial é que toda atuação humana é transversa por diversos sentidos do universo humano, mantendo-nos próximos da experiência emocional.

Assim, a epítome de inconsciente e consciente, origem de prazer e origem real formam a subjetividade do sujeito, sendo esses agentes fundamentais para a existência em sociedade, onde os anseios inconscientes do Id e o começo do prazer precisam cumprir contratos e normas sociais, pois a insuficiência destes terminaria no retrocesso à condição rudimentar.

Nossa sociedade, de forma suficientemente devassa e, principalmente, de maneira estrutural, põe o sujeito negro num posicionamento subalterno, que a todo instante aliena a imagem ou a ideia e dá uma dimensão negativa ao indivíduo negro. De fato, no nível mais alto da escala ambiental que segrega, o racismo está presente em múltiplas sociedades na contemporaneidade, manifestando-se em vários âmbitos de forma mutável.

Mediante o pensamento de Munanga, podemos compreender o racismo como:

Uma ideologia essencialista que postula a divisão da humanidade em grandes grupos chamados raças contrastadas que têm características físicas hereditárias comuns, sendo estes últimos suportes das características psicológicas, morais, intelectuais e estéticas e se situam numa escala de valores desiguais. Visto deste ponto de vista, o racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas. (MUNANGA, 2003, p. 6-7).

Os negros são observados sob uma visão reduzida, por um plano de branqueamento, em que os brancos criam uma norma global para a humanidade. Esse ponto de vista foi criado através da elite branca, que engradece sua autoestima e se sente proeminente, como superiora ao negro, corroborando assim seu poderio político, econômico e social, e, ao mesmo instante, oprimindo o negro e causando-lhe sofrimentos.

Dessa forma, quando afasta do branco a culpa das injustiças sociais existentes no Brasil, alegoricamente incorpora-se ao problema tão somente a classe negra e os afrodescendentes, assim os negros têm maiores agravamentos em todos os âmbitos, sabendo-se que o preconceito, o racismo e a segregação geram consequências psicológicas, na maioria das vezes, irreparáveis na população negra. Com a estima abatida, os negros se sentem silenciados, e isso deixa vestígios do sofrimento psíquico que se caracteriza de maneira intrínseca para esses indivíduos. De acordo com Fanon

Quando a civilização europeia entrou em contato com o mundo negro, [...] todo mundo concordou: esses pretos eram o princípio do mal. [...] negro, o obscuro, a sombra, as trevas, a noite, os labirintos da terra, as profundezas abissais [...]. (FANON, 2008, p. 160-161).

Segundo Fanon (2008), o amedrontamento do africano esteve associado a diversos fatores, pois o negro foi considerado como primitivo, e, por conta dessa designação, também como criminoso, era preso e obrigado a determinações.

A psicanálise vem contribuindo na manifestação de dificuldades, buscando saberes para encarar com dedicação cada caso. A trilogia preconceito, segregação e racismo está constantemente presente no cotidiano dos negros, e a psicanálise oferece meios para dar suporte a esses indivíduos vítimas do racismo. Para o alívio da dor psíquica do sujeito, são necessários procedimentos específicos e eficazes. Como nos afirma Essed.

Racismo é uma ideologia, uma estrutura e um processo pelo qual, grupos específicos, com base em características biológicas e culturais verdadeiras ou atribuídas, são percebidos como raça ou grupo étnico inerentemente diferente e inferior. Tais diferenças são, em seguida, utilizadas como fundamento lógico para se excluírem os membros desses grupos do acesso a recursos materiais e não materiais. Com efeito, o racismo sempre envolve o conflito de grupos a respeito de recursos

culturais e materiais. (...) Portanto, combater o racismo não significa lutar contra indivíduos, mas se opor às práticas e ideologias pelas quais o racismo opera através das relações culturais e sociais (ESSED, 1995, p. 174).

O racismo pode ser compreendido como atribuição de inferioridade da origem de indivíduos segregados, sendo, portanto, um ato injusto e desigual. Ao sujeito vitimado não é permitido apoderar-se de certos espaços na sociedade, restando a essas pessoas o exercício de atividades mais árduas. Ao analisar essa questão, percebemos que o negro traz consigo problemas psíquicos decorrentes desses traumas causadores de diversos transtornos ao longo da sua existência.

A psicanálise vem apresentando que não mais se sustentam distinções baseadas no exótico, os indivíduos não podem ser classificados com base em características inerentes à sua aparência e à sua forma exterior, delimitação que perdurou por séculos e que considerou o outro como estranho. Assim, a compreensão dessa ciência deve ocasionar o término da humilhação, sinalizado para outro desfecho, a interrogação sobre o outro, uma psicanálise que aponte sentido para não rejeitar o outro no viés da segregação. Em consonância com Bicudo

A realidade social se insere inevitavelmente na situação analítica através das personalidades do paciente e do analista. Entretanto, as posições de paciente e de analista são diametralmente opostas. Enquanto o primeiro revive suas experiências pretéritas no relacionamento com o analista, este se utiliza da técnica psicanalítica para obter um conhecimento sobre a realidade psíquica elaborada sob a influência de fatores míticos e místicos, ideológicos e doutrinários, científicos e tecnológicos, em suma sob a elaboração de processos das estruturas sociais. (BICUDO, 1972, p. 303).

Observa-se, neste contexto, que os estereótipos são discriminações compostas de superficialidade, e em conformidade com as definições que são referências na sociedade ou agrupamentos sociais, sem consciência real da sua intenção, no entanto, com a capacidade de afetar o outro. Segundo Lacan (1998), o ser humano fica cada vez mais perto da alienação crucial, que se caracteriza da negação do outro, e isso provoca desigualdades que afastam o indivíduo em diversos âmbitos como físicos, culturais, ideológicos e psíquicos.

A sociedade impõe padrões que inferiorizam o indivíduo negro através de diversos artifícios de poder, que alimentam cada vez mais o racismo e subjugam o indivíduo pela cor da pele, pois interferem na liberdade psicológica. O negro se sente excluído da sociedade por si próprio. Podemos observar em *Anjo Negro* que Nelson Rodrigues contesta a discriminação através da personagem Ismael, que padece na visão da sociedade. Vejamos:

CEGO – Diga – ele se chama Ismael? PRETO – O doutor? Sim. E que médico!
CEGO – Preto, não é preto? PRETO – Mas de muita competência! (para os outros)
Minto? PRETO – Não tem como ele! PRETO – Viu? Doutor de mão-cheia!
(RODRIGUES, 2004, p. 94).

Ismael sempre odiou sua cor e isso só lhe causou sofrimentos, e desenvolveu dentro de si indignação. Segundo Freud “não tem como abarcar as expressões mais cautelosas e sutis da agressividade humana” (FREUD, 2011, p. 58), pois interrogar o sofrimento coloca marcas existentes do indivíduo consigo mesmo e com os outros, e isso decorre dos quesitos psicossociais e socioeconômicos.

O plano dos colonizadores era impor que os negros aderissem aos valores dos brancos e pertencessem a esse padrão imposto por eles. Tiraram dos negros seus direitos, suas raízes, e isso fez com que tivessem mais domínio e poderio sobre eles, o intuito era a desumanização e, conseqüentemente, o descontrole moral, cultural e psíquico. Souza (1990) menciona que a atitude do racismo é uma ferida aberta na sociedade, apresentando uma reflexão em torno das

concepções de alteridade e identidade cultural e questionando o direito da minoria. Assim, podemos tomar como suporte a seguinte afirmativa:

Esta ferida narcísica e os modos de lidar com ela constituem a psicopatologia do negro brasileiro em ascensão social e tem como dado nuclear uma relação de tensão contínua entre superego, Ego atual e Ideal do Ego. A nível clínico esta relação de tensão toma o feitiço de sentimento de culpa, inferioridade, defesa fóbica e depressão (...) (SOUZA, 1990, p. 78).

Fanon (2008) acrescenta qual direcionamento seguir diante das feridas percorridas pelos procedimentos para chegar à superação. De acordo com ele, superar as angústias é apoderar-se de consciência, é preciso sobressair do sentimento do passado, de desprazer, a ligação obrigada à negritude, e alcançar liberdade para estar conectado ao presente no combate pela igualdade.

Portanto, é preciso romper com o silêncio da questão racial, pois estamos longe da democracia racial, uma vez que, até os dias atuais, vivenciamos consequências oriundas do racismo e que permanecem produzindo impactos maléficos sobre a população negra. Convém, então, destacar que é possível refletir sobre o sofrimento pelo qual passam os indivíduos negros, desligados das histórias de violências da segregação racial a que estão subordinados.

Dessa forma, é fundamental reiterar que não somente os indivíduos negros precisam assumir as lutas em prol de seus direitos, mas é necessário comprometimento de toda a sociedade. É dever de todos desconstruir essa ideia racista enraizada que persiste em tirar o lugar de fala do negro. Assim se estabelece a necessidade de levar em consideração os procedimentos analíticos e políticos na cooperação do psicanalista com a temática dos problemas raciais. Conforme afirma Souza .

(...) Tal façanha – a hegemonia dos interesses dominantes – é valorizada pela eficácia dos mecanismos ideológicos cuja garantia, a nível psíquico, é assegurada por certas articulações estruturais e transações psicodinâmicas que cumpre elucidar. Assim é que se impõe o exame de dois conceitos fundamentais – Narcisismo e Ideal do Ego – forças estruturantes do psiquismo que desempenham um papel chave na produção do negro enquanto sujeito – sujeitoado, identificado e assimilado ao branco. (SOUZA, 1983, p. 32).

De acordo com Souza, na relação entre os interesses dominantes e a busca do Ideal do Ego mantém-se um notável desprazer em relação aos resultados conquistados pelos indivíduos negros. A cor negra é uma “imperfeição”, e ter bom desempenho na situação do negro não é algo fácil, porque o Ideal do Ego do indivíduo negro, na maioria das vezes, é arquitetado através do ideal do branco.

O negro atribui valores ao sujeito branco como Ideal do Ego e acarreta em si próprio um sofrimento narcísico, na tentativa de satisfazer sua autoestima, e assim submeter-se às sensações do superego, causando tristezas. Surge, desse modo, um estado debilitado marcado pelo desgaste físico e mental que se apresenta em diversos problemas, entre eles a sensação de fracasso e ausência de autoestima.

4 ESTUDO CRÍTICO

A obra de Nelson Rodrigues foi construída a partir do entendimento do autor no tocante ao vigoroso preconceito racial vigente não somente pelos brancos, mas também pelo próprio negro. O autor apresenta em *Anjo Negro*, como personagem central, um negro que não atende aos padrões da sociedade, tendo em vista que era médico, mas, mesmo pertencendo à elite, não se livrou do racismo.

Logo, discorre que a personagem padece e faz sofrer os indivíduos que residem com ele, em consequência dos preconceitos da sociedade e dos preconceitos impostos por si mesmo, o que pode motivar as confusões neuróticas no desejo de embranquecer, pois fica nítido nas condutas de Ismael, quando cria pretextos para ser respeitado, que ele sente receio de ser desonrado.

De acordo com estudos psicanalíticos, traçamos uma crítica para o pensamento e para as atitudes da personagem Ismael e identificamos aspectos que remetem à neurose, através das perturbações internas não resolvidas. Esses comportamentos e reações, que são consequências das causas externas, permitem afirmar, dessa forma, que a sociedade auxilia consideravelmente para o desenvolvimento humano.

Segundo Horney (1974), outros motivos que são capazes de trazer consequências da neurose é o descrédito de si próprio e a angústia. Estes são aspectos que ajudam principalmente para impulsos maléficos. A rejeição de si mesmo acompanha Ismael em grande parte de suas atitudes, demonstrando pânico e sofrimento pela cor de sua pele.

ISMAEL (fazendo abstração de tudo e de todos, e falando para si mesmo) – É castigo... Sempre tive ódio de ser negro. [...] Só desejei o ventre das mulheres brancas... Odiei minha mãe, porque nasci de cor... Invejei Elias porque tinha peito claro [...] (RODRIGUES, 2005, p. 55).

A manifestação de Ismael elucida o descaso, de acordo Horney (1974), criando menção ao preconceito do negro como sofredor. Ao descrever o rancor que guarda e a suposição de que se sua mãe fosse uma mulher branca, provavelmente, ele também seria branco, confirmam sua cobiça pela cor do irmão branco, Elias, e comprova que ele desejava ser branco para justamente ser acolhido na sociedade.

Ao revelar que procurou uma mulher branca para ter descendentes brancos, destaca a vontade de ter filhos brancos para que eles não passassem por sofrimento semelhante ao dele, todavia, a neurose o invade e manifesta completamente sua dor. Podemos compreender a neurose a partir do pensamento de Horney:

[...] quando falo de ‘neurótico’, sempre quero referir-me a ‘uma pessoa até o ponto em que é neurótica’. Para ela a consciência de sentimentos e desejos é débil; muitas vezes, os únicos sentimentos que possui, consciente e nitidamente, são reações de medo e cólera aos golpes recebidos por seus pontos vulneráveis [...]. (HORNEY, 1974, p. 29).

Ismael idealizou sua imagem, fez planos pensando exatamente em relação a si; e, ao se formar médico e vestir-se somente de roupas brancas, deixa explícito o desejo de atrair a visão do embranquecimento exigido pela sociedade. Comportamentos paranoicos aproximam-se dos valores impostos pela sociedade, ele não se aceita, e isso era uma fatalidade que lhe atormentava.

ISMAEL (...) e não sabe que sou preto ,(tem um riso soluçante) não sabe que sou um ‘negro hediondo’, como uma vez me chamaram (...)só me ama porque menti (...) Não é a mim que ela ama, mas a um branco maldito que nunca existiu! (RODRIGUES, 2005, p. 93).

Dessa maneira, nota-se que no decorrer de sua existência Ismael passa por julgamentos uniformizados no decorrer de sua existência, o que cooperou para a configuração de uma possível neurose, apresentando uma luta interna, primeiro sinal de neurose, analisada a partir dos seus procedimentos e condutas de ódio à cor negra. De acordo com Freud.

[...] os sintomas das neuroses ‘atuais’ – pressão intracraniana, sensações de dor, estado de irritação em um órgão, enfraquecimento ou inibição de uma função – não

têm nenhum ‘sentido’, nenhum significado psíquico. Não só se manifestam predominantemente no corpo (como, por exemplo, os sintomas histéricos entre outros), como também constituem eles próprios processos inteiramente somáticos, em cuja origem estão ausentes todos os complicados mecanismos mentais que já conhecemos [...] (FREUD, 1917/1969, p. 452).

Nota-se em Ismael a falta de afeto e aceitação na sociedade, mesmo tendo uma formação de prestígio perante essa mesma sociedade, pois ele se sente menosprezado pelo preconceito, e esses marcadores externos e internos provocam o desencadeamento do pensamento neurótico levando-o à vulnerabilidade de ações diversas, de medo e ódio.

ELIAS – Tive medo quando era menino. Naquele tempo, você me batia porque eu não era filho da sua mãe, porque era filho de uma mulher branca com homem branco. Mas hoje, não. Talvez amanhã o medo volte ... (RODRIGUES, 2005, p. 14).

Verifica-se, na ação, que Ismael se coloca como vítima inferiorizada, mas exercendo forças para assumir para Elias que pode estar superior a ele, mostrando ideias contrárias ao que a sociedade impõe, que o branco exerça poder sobre o negro. Essa idealização é imaginária da liberdade, é uma aversão à cor negra.

De acordo com as análises, é possível observar que Ismael tem personalidades plurais, ele expõe com frieza a maneira doentia que age no seu cotidiano, pois seu inconsciente atinge sua vida pessoal e social, através de diversos fatores, conforme veremos.

[...] as neuroses narcísicas dificilmente podem ser abordadas mediante a técnica que nos foi de utilidade nas neuroses de transferência. Em breve os senhores saberão por quê. Com elas, o que acontece é que, após avançarmos uma curta distância, deparamos com um muro que nos força a parar. Nas neuroses de transferência, como sabem, também nos defrontamos com barreiras da resistência, mas conseguimos demoli-las, parte por parte. Nas neuroses narcísicas, a resistência é intransponível; quando muito, somos capazes de lançar um olhar perscrutador por cima do topo do muro e divisar o que se está passando no outro lado. Nossos métodos técnicos, por conseguinte, devem ser substituídos por outros; e nem sequer sabemos se seremos bem sucedidos na busca de um substituto (FREUD, 1917/1969, p. 493).

Anjo Negro menciona a questão racial e traz Ismael, médico, inteligente e rico, que atende à esfera social da elite e chega a exceder os obstáculos do nível econômico social, mas, mesmo assim, não chega a desatrelar-se da inferioridade oriunda da concepção dada pela sociedade à cor. A complexa rejeição da cor negra faz com que seja inviável a união de casal e a concepção futura, que são tirados à vida por Virgínia, por outro lado, acontece a maldição propagada através da mãe de Ismael, porque o mesmo não admite ser negro.

5 CONCLUSÃO

Ao concluir este trabalho, compreende-se que a obra *Anjo Negro* põe em cena discursos de preconceitos a respeito do negro, discursos esses que fazem com que o negro não exerça seu papel na sociedade e fique isolado ao ponto de não aceitar a si próprio, negando sua história e cultura, tendo ódio de sua própria cor, como é o caso de Ismael.

Sendo assim, observa-se que o personagem Ismael sofre com o drama, basta ver que ele está dividido entre os princípios do seu grupo e a imposição de partir para outra condição e deixar a miserabilidade à qual foi lançado. Isso significa dizer que libertar-se da miséria é o mesmo que “deixar” de ser negro, ou seja, se posicionar como artifício da hipocrisia que a sociedade impõe, resquícius da conduta dos antigos colonizadores.

O personagem Ismael ascende com uma formação tida como prestígio socialmente, e assim, distancia-se do convívio com seu grupo social para esconder sua negritude, e, mesmo

assim, é vítima dos efeitos do reflexo mitológico, originado no decorrer do período colonial, que causou no negro rejeição da sua cor, ocasionando agravamentos psíquicos.

Essa situação, retratada pelo autor, permite a criação de personagens como Ismael, que necessita ascender financeiramente para ser reconhecido e aceito pela sociedade, tendo que perder o contato com o seu grupo social, para apresentar-se com *status* de superioridade e procurar testemunhar isso. Dessa forma, ele desfruta de interesses para subordinar as pessoas, assim disseminando o ódio da própria cor através de ações violentas.

Podemos identificar que, conforme a peça vai evoluindo, os atos discorridos pelo personagem comprovam que ele sofre de uma compulsão, proveniente de sua negação à própria cor. Consequentemente, é preciso pensar em inúmeros negros que não alcançam os mesmos prestígios de Ismael, e assim, permanecem à margem da sociedade, provavelmente sofrendo da mesma psicose de Ismael.

Portanto, é possível perceber na obra *Anjo Negro* que o negro busca seu lugar na sociedade, mas sua procura vai além, ultrapassa a si próprio, para atingir o cenário mais complexo, ou seja, a falta de aceitação e a discriminação tomados como fator de partida para analisarmos o que diz respeito à conduta das personagens que são expostas pelo escritor empenhado em explicar a necessidade do ponto de vista da sociedade em relação ao preconceito racial.

REFERÊNCIAS

BRASIL. [Constituição (1988)]. **Constituição da República Federativa do Brasil**: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, compilado até a Emenda Constitucional n. 105/2019. Brasília: Senado Federal, Coordenação de Edições Técnicas, 2020. 397 p.

BICUDO, V. L. (1972). **Incidência da realidade social no trabalho analítico**. Revista Brasileira de Psicanálise, 14(2), 282-305.

_____. (1917). Conferências introdutórias à psicanálise. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**, vol. XV. Imago: Rio de Janeiro, 1969

_____. **Cinco Lições de Psicanálise** (1910[1909]). Edição *Standard* Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Vol. XI. Rio de Janeiro: Ed. Imago

ESSED, philomena. **”por trás da fechada holandesa: multiculturalismo e a negação do racismo nos países Baixos”**. Estudos Afro- asiáticos. Rio de Janeiro, v.28, out.1995:171-183.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREUD, S. (1974). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. In **S. Freud, Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud**. (Jayme Salomão, trad., Vol. XIV, pp. 85-119). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1914)

_____.

FREUD, Sigmund. **O mal - estar na civilização**. São Paulo: penguin e companhia das letras, 2011.

FREUD, Sigmund. **“A negação”**. In: **O eu e o id, “Autobiografia” e outros textos** (1923-1925) – Coleção das Obras Completas de Sigmund Freud (volume 16). São Paulo: Companhia das Letras, 2011

FERNANDES, Florestan. *O negro no mundo dos brancos*. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1972.

HORNEY, Karen. **Nossos conflitos interiores**. Tradução por Octávio Alves Velho. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1974.

KEPPE, Marc André R. **Curso de Psicanálise: histórico, teorias e técnicas da psicanálise**. São Paulo: El-Edições Inteligentes, 2006.

MUNANGA, Kabengele. Prefácio. In: CAPONE, Iray; BENTO, Maria Aparecida Silva (orgs.). **Psicologia Social do Racismo: estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 2002.

LACAN, J.(1945). O tempo lógico e asserção da certeza antecipada. In:____. **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998, p. 197-213

MUNANGA, K. **Palestra Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. SEMINÁRIO NACIONAL RELAÇÕES RACIAIS E EDUCAÇÃO, 3. Rio de Janeiro, 2003. Disponível em : < <https://www.geledes.org.br/wp-content/uploads/2014/04/Uma-abordagem-conceitual-das-nocoes-de-raca-racismo-identidade-e-etnia.pdf>> Acesso em: 09. Agosto.2021

MUNANGA. K. (Org.). **Histórias do negro no Brasil**. v. 1. Brasília: Fundação Cultural Palmares, 2004. p. 76-104

MUNANGA, Kabengele ;GOMES, Nilma Lino. Racismo, discriminação racial e ações afirmativas : a sociedade atual .In **O Negro no Brasil de hoje** .São Paulo: Global 2006.págs. 171-197.

MUNANGA, Kabengele & GOMES Nilma Lino. **O negro no Brasil de hoje**. Coleção para entender, São Paulo: Global, 2006.

MEDEIROS, Mirna Aragão; PEREIRA, Victor Hugo Adler. A dança dos véus e o corte do censor: movimentos recorrentes entre o livro e os palcos brasileiros. In: PARANHOS, Kátia Rodrigues (Org.). **História, teatro e política**. São Paulo: Boitempo, 2012. p. 156-172.

NUCCI, Guilherme de Souza. **Leis penais e processuais penais comentadas**. São Paulo: Ed. Revista dos Tribunais, 2008.

RAMOS, Alberto Guerreiro. A patologia social do ‘branco’ brasileiro. In: _____. **Introdução crítica à sociologia brasileira**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1995.

RODRIGUES, Nelson. **Anjo negro**. In: Teatro completo de Nelson Rodrigues. V. 2- Peças Míticas. São Paulo: Nova Fronteira, 1981.

Rodrigues, Nelson. 2012. **O anjo negro**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira. _

RODRIGUES,N. teatro completo-peças míticas. Rio de Janeiro: Nova Fronteira,2004.

RODRIGUES, N. **Teatro Completo – Peças míticas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.

RODRIGUES, Nelson. **Anjo Negro**. 3ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

SANTOS SOUZA, N. (1983). **Tornarse negro**. Rio de Janeiro: Graal.

SANTOS, G.A. (2005). **A invenção do ser negro**. Rio de Janeiro: Pallas.

SHAKESPEARE, William. **O mercador de Veneza**. São Paulo – SP: LPM, 2007.

SILVA, M. L. (2017). Racismo no Brasil: questões para psicanalistas brasileiros. In N. M. Kon, M. L. Silva, & C. C. Abud, **O racismo e o negro no Brasil**. São Paulo: Perspectiva.

SILVA, ML e MIRANDA, D. **Saúde mental e racismo**. Texto apresentado na III Conferência Nacional de Saúde Mental, Brasília dez/2001. Mimeo

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SOUZA, Neusa Santos. **Torna-se negro : as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. 2 ed. Rio de Janeiro: Graal, 1990.

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus, pelo magnífico dom da vida e por ter me concedido saúde e discernimento para a realização deste trabalho em meio a tantas provações.

À minha família e, principalmente, aos meus amados pais, Luiz Gomes do Nascimento e Francisca Oliveira do Nascimento, por tanto zelo e amor por mim. Como também ao meu esposo José Borges da Silva e ao meu filho Luiz Henrique Gomes da Silva, por toda a paciência e compreensão. Agradeço a meus queridos irmãos Luilson, Francicleide, Francilúcia, Francicleide e Francilane, por tanto apoio e estímulo para continuar alimentando meus objetivos.

Agradeço, em especial, ao meu professor orientador Eduardo Henrique Cirilo Valones, que aceitou me orientar. A ele minha gratidão por toda ajuda para a realização desta conquista, e que Deus derrame muitas bênçãos em sua vida.